

COMO A POSTURA EMOCIONAL E CORPORAL DA PROFESSORA INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS

Nicolly Caetano De Oliveira Alves¹
Agata Medina Lopes de Souza²
Myrna Wolff Brachmann dos Santos³

Eixo 1 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

Resumo: O seguinte trabalho é oriundo de reflexões realizadas durante o estágio obrigatório realizado na Educação Infantil. Em decorrência de um grande contraste na postura emocional e corporal das professoras de duas turmas na qual observamos, nos surgiu o questionamento: Como a postura emocional e corporal da professora influencia o comportamento das crianças e suas relações interpessoais? A partir desta indagação, pautadas em nossas vivências, associadas ao estudo teórico de autores que discutem a ética do cuidado, a afetividade e a dialogia nas práticas pedagógicas, buscamos desenvolver uma análise crítica centrada na atuação da professora, com ênfase em seu comportamento e em como suas atitudes atuam no desenvolvimento comportamental das crianças. Defendemos a ideia de que a forma como a professora se comunica verbal e fisicamente é essencial para o desenvolvimento das crianças, reforçando a importância de práticas pedagógicas baseadas no respeito, na escuta e no afeto.

Palavras-chave: Educação Infantil; Práticas Pedagógicas; Desenvolvimento Emocional; Cuidado.

Introdução

O presente texto apresenta reflexões produzidas a partir do Estágio Obrigatório I, disciplina do quinto semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Faed/UFMS). O estágio foi realizado em turmas de zero a três anos da Educação Infantil, em escola pública municipal de Campo Grande, MS, sob a orientação da professora de estágio.

Como parte das exigências do estágio estivemos organizando o trabalho final que deveria apresentar uma análise de um tema, a partir da vivência do estágio. Tais reflexões foram aprofundadas e constituem o texto aqui apresentado.

Durante o referido estágio realizamos observações em três turmas (Grupo 1, 2 e 3, crianças de 0 a 1 ano, de 2 anos e 3 anos, respectivamente) e em duas destas, notamos um grande contraste. No Grupo 3, nos deparamos com um ambiente mais agitado, no qual as crianças demonstravam comportamento mais impulsivo e desorganizado. Nessa sala, a professora não escutava as crianças com atenção e não as acolhia de maneira calma, o que parecia contribuir para a dificuldade em estabelecer vínculos e reforçar a agitação.

Em contrapartida, no Grupo 2, em que realizamos a observação e a regência, as crianças demonstraram um comportamento calmo e, quase sempre, interessadas nas propostas. Diante disso, buscamos observar mais a professora regente procurando entender como a professora regente lidava com as crianças. Fomos percebendo como ela sempre se mostrava aberta a atender suas necessidades das crianças, com uma escuta sensível, calma e acolhedora.

Em decorrência da observação em salas tão contrastantes onde o comportamento das professoras e das crianças eram tão diferentes, nos surgiu o questionamento: Como a postura emocional e corporal da professora influencia o comportamento das crianças e suas relações interpessoais?

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Acadêmica do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³ Docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora orientadora de estágio no mesmo curso.

A partir desta indagação, pautadas em nossas vivências descritas anteriormente, buscamos estudar mais o tema a partir de autores que discutem a ética do cuidado, a afetividade e a dialogia nas práticas pedagógicas com crianças pequenas. Procuramos desenvolver uma análise crítica centrada na atuação da professora, com ênfase em seu comportamento e em como suas atitudes atuam no desenvolvimento comportamental das crianças.

Usamos como referencial teórico os seguintes textos: o texto de Bonfim e Ostetto (2020), “Na gestualidade de professoras e bebês, o corpo fala de relações”, que aborda discussões sobre como o ser humano constrói relações a partir do corpo, evidenciando que ele afeta o mundo e, simultaneamente, é afetado por ele.

E o texto “Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia”, de Guimarães e Arenari (2018), cujo eixo central é a defesa da importância da afetividade e dialogia nas práticas pedagógicas, especialmente nos momentos de cuidado, como as trocas, banhos e alimentação.

As autoras também destacam a importância de um planejamento focado na criança e em suas demandas, e não em uma perspectiva adultocêntrica, mostrando como esse posicionamento impacta diretamente as práticas pedagógicas e, consequentemente, o desenvolvimento infantil.

Por fim, o texto “Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente”, de Kramer, Nunes e Pena (2020), que tem como foco principal a ética do cuidado, especialmente nas relações infantis, fundamentada nos direitos das crianças.

Reflexões sobre sentimentos e necessidades na infância: contribuições do texto “na gestualidade de professoras e bebês, o corpo fala de relações”

Como apresentado no texto de Bonfim e Ostetto (2020, p. 115), “com o corpo, o indivíduo suspeita o mundo, afeta e é por ele afetado, constrói relações, significa e expressa a existência”, desta forma é como o corpo da criança se desenvolve, experimenta e investiga o mundo e se relaciona com sua professora e colegas. Entendemos a importância da gestualidade afetuosa e respeitosa como fundamento para uma prática pedagógica eficiente.

Durante o texto Bonfim e Ostetto (2020) explicam que segundo Wallon desde os primeiros anos de vida, as crianças já são seres inteiros e não algo que vai se tornando. Essa ideia é central em seu conceito de “psicogênese da pessoa concreta”, que foca no desenvolvimento integral do indivíduo. Dessa forma é a partir da afetividade que o ser humano é impactado ou movido emocionalmente pelo mundo desde muito cedo. Resumidamente as emoções e a capacidade de ser afetado pelo mundo são fundamentais para quem somos, mesmo na primeira infância.

Wallon (2007) discute, em suas teorias, que o ser humano, desde a tenra infância, é uma pessoa inteira. Isso pode ser notado em seu conceito de psicogênese da pessoa concreta [...]. Para o referido autor, a afetividade é a capacidade que o ser humano tem, desde a tenra idade, de ser afetado [...] (Bonfim; Ostetto, 2020, p. 118).

Dentre as diversas formas de gestos, destaca-se que, por meio de olhares e toques, é possível transmitir carinho, segurança e proximidade.

Durante o período em que estivemos no Grupo 2, em diferentes momentos, pudemos perceber que os gestos são primordiais para a execução de uma boa prática pedagógica. Durante uma de nossas observações, estávamos brincando no parque de metal com as crianças, localizado em uma área arborizada da escola. Em determinado momento João (todos os nomes utilizados nesse texto são fictícios) observava atentamente uma arara, que se aproximava das árvores e chamou a atenção da professora com objetivo de mostrar a ave. A professora olhou e comentou sobre a beleza da mesma.

Logo em seguida, a arara faz um som chamando a atenção de outras crianças que acabaram se aproximando da professora e de João. Mariana, que apesar de ter apenas 2 aninhos, falou sobre como as araras são bonitas e coloridas. A professora aproveitou a oportunidade para dialogar sobre as cores, pois as crianças haviam trabalhado as cores anteriormente. Matheus não estava conseguindo encontrá-las, então a professora falou “Olha ali na árvore, a arara é azul e amarela!” orientando-o, de modo que rapidamente o garoto conseguisse localizar.

Prontamente as crianças que haviam encontrado começaram a ajudar umas às outras a visualizarem as araras, como fez a professora, pela discriminação das cores, fornecendo ferramentas para a observação. O momento foi rico pela descoberta das araras, pela observação e identificação delas a partir das cores, pela percepção do som que produziam e pela interação que ali aconteceu, mediada pelo adulto, e depois estendida de criança para criança, produzindo conhecimento do mundo ao redor.

Em contraponto, no Grupo 3, presenciamos um momento em que as crianças estavam lanchando. O lanche do dia era poncã. Observamos que uma criança estava separando todas as sementes da fruta em sua mão, quando uma das auxiliares se aproximou da mesa que a criança estava para limpar a mesa. A criança, animada, mostrou que estava com algumas sementes na mão e que estava guardando-as para poder levar para casa e plantar. A auxiliar se estressou com a criança e mandou que jogasse fora as sementes e, na sequência, a professora reforçou o comportamento da colega de trabalho, brigando com a criança.

Não temos o objetivo de condenar a professora e a assistente, mas entendemos ser necessário lançar um olhar crítico para o acontecido. Acreditamos que aquele momento poderia ter sido guiado de forma diferente e especialmente conduzido com respeito, afeto e um olhar atento sobre a criança e seus conhecimentos.

Uma alternativa seria explicar para a criança que realmente as árvores nascem das sementes da fruta e que outro dia poderíamos fazer uma investigação em como isto acontece, mas que agora era hora de lavar as mãos e se organizar para ir para a roda. Mas se a criança quisesse guardar as sementes na mochila, lavar a mão e voltar, tudo bem. Desta forma, a criança se sente acolhida e suas demandas são consideradas e atendidas, sem desorganizar a rotina da turma.

Podemos dizer que é fundamental o olhar atento para com a criança, constantemente observando suas demandas, para possibilitar descobertas a fim de contribuir com o seu desenvolvimento.

Durante o texto de Bomfim e Osteto é possível compreender como uma linguagem do corpo respeitosa e com intencionalidade é essencial para práticas pedagógicas, pois esta também é importante nas interações entre as pessoas e desta forma é a partir da linguagem corporal que conectamos o que pensamos (aspecto racional), o que fazemos com o corpo (aspecto motor) e o que sentimos (aspecto afetivo), aumentando nossa capacidade de perceber e sentir o mundo (sensibilidade). Como afirmam as autoras Bomfim e Osteto “os corpos encontram-se, dialogam e produzem sentidos, mediados pela linguagem acionada pelos gestos do corpo” (Bomfim; Ostetto, 2020, p.115)

Já, em outro momento observado no Grupo 2 presenciamos uma situação em que Rafael empurrou colegas durante um momento de agitação. A professora, ao invés de repreender ou gritar com a criança, chamou-a para perto e perguntou sobre como ela estava se sentindo. Mesmo sem resposta, ofereceu um abraço e disse com gentileza: “Todos temos dias difíceis, podemos nos sentir irritados, tristes ou com saudades, mas precisamos cuidar uns dos outros, não podemos machucar nossos colegas”. Ela permaneceu ao seu lado, acariciando sua cabeça até que o pequeno garoto se acalmasse e voltasse a brincar com tranquilidade. Depois de um tempo, Rafael, agora tranquilizado, voltou a brincar normalmente com os colegas.

Essa situação mostra na prática como a postura da professora, tanto em sua fala, como com gestos físicos afetuosos e acolhedores, promove segurança emocional e ensina as crianças a lidarem com seus sentimentos. Sendo possível apenas porque a professora, mesmo que distante, olhava com atenção a classe e suas demandas.

Bonfim e Ostetto (2020) destacam, como as crianças ainda não têm domínio e não conseguem compreender de forma clara seus sentimentos, são menos perceptíveis e acabam por ficar reservados no campo da cognição. “Isso explica por que as crianças de tenra idade tendem a não conseguir lidar com os processos psíquicos sentimentais que estão em fase de elaboração (Bonfim; Ostetto, 2020, p.119). Portanto, para uma boa prática pedagógica, devemos compreender o porquê de não punir ou reprimir os sentimentos de uma criança e a necessidade de conversar de maneira afetiva e respeitosa para ajudá-la a entender e organizar seus sentimentos. É assim que as mesmas autoras enfatizam que para facilitar o entendimento dos comportamentos das crianças é fundamental perceber e compreender como elas manifestam e estruturam seus sentimentos, realizando, de modo sensível e atento, uma leitura corporal e situacional das atitudes das crianças.

Assim, a atitude da professora foi fundamental para muitos ganhos: a atitude agressiva de Rafael cessou, sua emoção de raiva foi identificada, entendida e acolhida, o que o ajudou a lidar com aquela emoção, controlando-a e substituindo-a, sua atitude agressiva foi reprovada, ele se acalmou e sua interação gentil com os colegas reforçada. A professora entende quais as demandas da criança e como se organiza foi fundamental para que a situação se desenrolasse da forma como aconteceu.

Dessa forma conseguimos compreender a importância da escuta atenta e a mediação afetiva para prática pedagógica, não apenas para o bem-estar emocional da criança, mas também para a construção de relações mais respeitadas e colaborativas no ambiente escolar, as quais são essenciais para o desenvolvimento infantil

Cuidar com afeto e escuta: a importância da relação, da comunicação e do planejamento centrado na criança

Também estivemos observando momentos de cuidados dispensados em diferentes situações da rotina de trabalho com as crianças. Segundo Guimarães e Arenari (2018), os momentos de cuidado, como banho, troca e alimentação, têm um grande potencial para mobilizarem contato, afeto e diálogo.

A imitação pelas crianças de gestos, ações, entonações, e demais comportamentos daqueles com quem convivem vão impregnando o corpo delas, de modo que são pouco a pouco apropriados. Nesse movimento, os sentidos e simbolismos seguem sendo partilhados e significados pelos sujeitos no coletivo. Os adultos ocupam um lugar de referência ou ponte para a construção de novas formas de atuação por parte da própria criança, que vive o coletivo como engrandecimento de suas possibilidades (Arenari; Guimarães, 2018, p. 10).

Durante as refeições, a professora da segunda turma mencionada se sentava junto às crianças e dialogava sobre o alimento, sobre como estava gostoso, como era importante que elas o experimentassem, como as fazia bem e auxiliava as crianças a ficarem nutridas com o necessário. Entendemos que a professora estar junto das crianças, desse modo, com esse tipo de presença era essencial para o momento de alimentação e para como as crianças se comportavam.

Porém, na turma três, nos deparamos com uma forma diferente de guiar estes momentos, notamos que muitas das vezes o momento de alimentação não era visto como um momento para mobilizar diálogo e afeto e assim influenciar no desenvolvimento das crianças. O momento das refeições era um momento atribulado, em que as crianças, na maioria das vezes, eram apressadas para terminarem o lanche. Logo entendemos que, em uma prática pedagógica, o adulto é visto como ponte para novas descobertas para as crianças, como por exemplo em como segurar o garfo.

Dessa forma, entendemos como é importante que a professora se sente com as crianças, as demonstre e incentive a, por exemplo, a como segurar o garfo para se alimentar, experimentar novos alimentos, pois assim as crianças vão se apropriando desse comportamento e este vai se impregnando em seu corpo e comportamento, assim transformando os momentos de alimentação entre outros mais calmo se a professora apresentar uma postura mais calma.

Guimarães e Arenari (2018) destacam isto durante o texto como os momentos de cuidado não devem ser encarados apenas como preparação para a ‘atividade principal’, mas como parte integrante do currículo, pois constituem oportunidades privilegiadas de relação, escuta e aprendizagem

Com isso, conseguimos entender a importância do afeto e do diálogo para o desenvolvimento infantil, pois é a partir das interações que elas aprendem a se relacionar de forma respeitosa e afetuosa. Também é a partir do comportamento da professora, como no momento da alimentação, que a criança aprende a se alimentar, se relacionar com o alimento e a experimentar alimentos novos.

Em nossos dias de estágio junto a turma 2 pudemos observar como lidar com os momentos de alimentação e em como estas práticas têm um potencial de ampliação de compreensão de mundo para as crianças.

Durante o texto de Guimaraes e Arenari (2018) é apresentado como as práticas educativas, quando atravessadas pela afetividade, pelo diálogo e pela escuta, oferecem à criança condições para que ela participe ativamente da rotina, ampliando a compreensão sobre si e sobre o outro

Um ponto importante a ser ressaltado, a partir da leitura dos textos, é: para que estes momentos de cuidado tenham este potencial é necessário que o professor se determine planejar e agir a partir das necessidades e demandas das crianças e não por uma perspectiva que ignore suas manifestações. Como afirmam Guimarães e Arenari, é necessário “pensar o planejamento de espaços e tempos como mobilizadores das ações das crianças, na contramão de práticas adultocêntricas, a partir da ação direta do professor” (2018, p. 3).

Pudemos observar durante o período do nosso estágio, como um planejamento de espaço e vivência é de suma importância quando falamos em práticas pedagógicas que respeitem a criança e atendam às suas demandas. Na turma do Grupo 2 as crianças tinham uma rotina pré-estabelecida que atendia as demandas da faixa etária das crianças. Existiam momentos pensados previamente para que as crianças durante o dia pudessem correr e explorar ambientes – visto a importância para o desenvolvimento da criança e para forma em como esta se relaciona com o mundo – momentos de alimentação, troca, banho e brincadeiras eram da mesma forma pensados e significados pela atuação da professora, como apresentados em exemplos anteriores

Porém, na turma do Grupo 3, isto não foi observado em nossos dias de estágio. Notamos que não havia necessariamente um planejamento pensado previamente, que tivesse sido pautado nas demandas das crianças. Nos pareceu falho em atender suas necessidades, em entender como o ambiente escolar é um ambiente rico para que a criança interaja com o mundo e seja afetada por ele também, e assim se desenvolva. Em diversos momentos, notamos como as necessidades das crianças não eram acolhidas, como as propostas não eram pensadas para as

demandas da faixa etária resultando em proposições pouco contributivas para a fase de desenvolvimento delas.

Em muitos momentos, percebemos que as crianças eram até mesmo reprimidas. Lembremos do relato em que a criança queria guardar as sementes da fruta para plantar, mas não teve essa iniciativa valorizada. Em outra situação, durante uma atividade de pintura, outra criança decidiu misturar as cores em seu papel, formando uma nova cor. Ela ficou animada com o resultado, mas logo foi repreendida pela professora por não seguir a orientação de não misturar as tintas. Também observamos que, quando as crianças passavam muito tempo em um mesmo espaço, brincando com brinquedos que estavam disponíveis sem um planejamento ou intencionalidade, isso gerava irritação em algumas delas. Outras demonstravam uma grande necessidade de se movimentar e correr, mas como essa necessidade não era atendida, acabavam ocorrendo pequenos acidentes, como quedas, ou até conflitos entre as próprias crianças.

Mais proveito há, se o professor planeja e interage com a criança a partir dos referenciais centrados na afetividade e no diálogo, constituindo a criança, desde bebê, como sujeito relacional nos contextos das aprendizagens sociais, como afirmam Arenari e Guimarães (2018).

O cuidado como princípio ético e cotidiano

Além do cuidado ser benéfico para a criança e seu desenvolvimento, é, também, um direito da criança. Kramer, Nunes e Pena (2020, p. 5) destacam:

O cuidado está presente nos textos base que norteiam a Educação Básica no Brasil, tanto no Estatuto da Criança e do Adolescente [...] quanto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [...]. Os documentos apontam a inseparabilidade entre educar e cuidar. Antes compreendida como especificidade da Educação Infantil, essa junção aparece como fundamento de toda a educação básica (Kramer; Nunes; Pena, 2020, p. 5).

Dessa forma, o vínculo, a confiança e a presença, que vêm de relações de afetividade e respeito, são direitos das crianças e adolescentes. Vale ressaltar que existem diversos tipos de cuidado:

(i) cuidado autêntico, entendido como interesse pelo outro, não indiferença, responsividade; (ii) cuidado técnico, que se propõe a informar, ensinar, convencer alguém ou, simplesmente, transmitir uma mensagem; (iii) descuido, em que o outro não é considerado, não é reconhecido e sua presença é indiferente; e (iv) descuido disfarçado de cuidado, em que a atitude tem formato de cuidado, mas esconde uma indiferença em relação ao outro (Kramer; Nunes; Pena, 2020, p. 7).

O tipo de cuidado que procuramos encontrar no trato com as crianças, pois acreditamos ser o adequado para práticas pedagógicas exitosas, é o cuidado autêntico. Kramer, Nunes e Pena (2020) aprofundam essa discussão ao considerar o cuidado na Educação Infantil como uma atitude ética e política.

Nesse sentido, acreditamos em um cuidar que vai muito além de algo técnico, mas sim uma prática intencional, onde a docente tem uma postura emocional e corporal respeitosa, afetuosa e com um olhar atento sobre a criança e suas demandas, as colocando no centro das interações, tendo o objetivo de promover não apenas o atendimento de necessidades físicas, mas, sobretudo, o reconhecimento do outro como sujeito.

Como destacam Kramer, Nunes e Pena (2020), o cuidado ético se realiza no corpo, no olhar e na escuta, exigindo presença ativa, sensibilidade e disponibilidade para acolher o que a criança comunica por palavras, gestos ou silêncios e, desta forma, os direitos das crianças são garantidos.

Posto isso, insistimos sobre como atitudes respeitosas e sensíveis da professora garantem o bem-estar da criança e seus direitos – destaque-se: não apenas dos bebês ou crianças pequenas. Uma prática com respeito e afeto deve estar presente no cotidiano escolar, para muito além dos momentos de troca, banho e alimentação.

Em meio aos momentos do estágio cumpridos na turma do Grupo 2 presenciamos esse cuidado ético em diversas situações. Quando surgiam conflitos ou momentos de tensão naquela turma, a professora evitava qualquer tipo de repressão ou grito. Ao contrário, acolhia as crianças com escuta sensível e falas suaves. Como no episódio narrado anteriormente em que a professora atendeu à necessidade da criança que em seu momento de agitação e raiva foi acolhida e orientada e não repreendida agressivamente. Promovendo segurança emocional e ensinando-a a lidar com suas emoções. A partir de sua postura gestual, seu corpo e sua fala.

Considerações Finais

A partir da observação das duas práticas tão contrastantes, e frente a uma docente acolhedora, fomos entendendo que o modo como a professora se comunica verbal e fisicamente é o pilar para o desenvolvimento cognitivo e de aprendizado. Escutar, acolher e agir com carinho são formas de educar. Os estudos de Guimarães e Arani (2018), Bonfim e Ostetto (2020) e Kramer, Nunes e Pena (2020) são enfáticos ao ressaltar a importância das práticas pedagógicas baseadas no cuidado, afeto e respeito às necessidades e demandas das crianças, e de como elas concorrem para a formação de crianças mais sensíveis, respeitosas e sociáveis desde a Educação Infantil.

O estágio foi essencial para o nosso desenvolvimento como futuras docentes. Queremos afirmar que sem este processo formador não conseguiríamos nos desenvolver desta forma e, nessa perspectiva compreender a influência da postura emocional e corporal da professora na construção das relações interpessoais na Educação Infantil. Além de compreendermos como a postura da professora contribui para como as crianças se relacionam entre si e seu desenvolvimento, sua postura colaborou também para nosso aprendizado profissional além de ajudar na forma como nos relacionamos com as crianças, professora e auxiliares, permitindo, para além disso o aprofundamento teórico, que procuramos sistematizar aqui.

Por fim, constatamos que, enquanto futuras pedagogas, devemos buscar uma prática pedagógica fundamentada no respeito e na afetividade, pois compreendemos a importância desses princípios na formação integral da criança. Uma abordagem sensível e ética não apenas favorece o desenvolvimento emocional e social, mas também contribui para a construção de vínculos, o fortalecimento da autonomia e a criação de um ambiente educativo acolhedor, no qual cada criança se sinta reconhecida, acolhida, escutada e valorizada.

Referências

BONFIM, P. V.; OSTETTO, L. E. Na gestualidade de professoras e bebês, o corpo fala de relações. **Educ. Form.**, [S. l.], v. 5, n. 14, p. 115–132, 2020. DOI: 10.25053/redufor.v5i14mai/ago.1647 .Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1647>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; PENA, A. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e237202,

2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046237202>. Acesso em: 20 jun. 2025.

GUIMARÃES, D.; ARENARI, R. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e186909, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698186909>. Acesso em: 20 jun. 2025.